

## REVISITANDO ROUSSEAU<sup>1</sup>

Mariluce Bittar\*

*“O corpo político, como o corpo do homem, começa a morrer desde o seu nascimento e leva em si mesmo as causas de sua destruição”.*

(Do Contrato Social)

### INTRODUÇÃO

Revisitando Rousseau significa um “segundo encontro” com Rousseau, já que por ocasião de um primeiro texto elaborado no âmbito do Programa de Doutorado, algumas questões ficaram por merecer maior aprofundamento teórico.

---

<sup>1</sup> Texto apresentado como trabalho final da disciplina Fundamentos Filosóficos e Históricos da Educação II, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação da UFSCar, ministrada pelo Prof. Dr. Bruno Pucci.

\* Professora da UCDB, Mestre em Serviço Social (PUC-SP) e Doutora em Educação (UFSCar).

Ao responder à questão: “*Qual é a origem da desigualdade entre os homens e se ela é autorizada pela lei natural?*”, Rousseau respondeu à Academia de Dijon, em 1754, que a desigualdade era a fonte primeira de todos os vícios. Para o autor, a igualdade original existia no “*estado de natureza*”, o único que poderia compor a imagem de um equilíbrio perfeito, de uma felicidade perdida e seria capaz de garantir, a cada homem, uma completa independência em relação aos demais e de fazer com que todos fossem radicalmente iguais entre si.

Ocorre que, naquele estágio em que a sociedade se encontrava, já não era mais possível voltar ao estado de natureza, pois o homem havia descoberto sua capacidade de dominar e escravizar outros homens, além de transformar-se em proprietário, não só de terras, mas também da força de trabalho humana. Em seu clássico *Contrato Social*, ele já dizia: “*o homem nasce livre, e por toda parte encontra-se a ferros. O que se crê senhor dos demais não deixa de ser mais escravo do que eles*” (ROUSSEAU, 1983 : 22).

Jean-Jacques Rousseau foi um homem avançado para o seu tempo. Em seu texto, que se tornou uma obra clássica e leitura obrigatória para os cientistas sociais, intitulado *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*, trabalhou com alguns elementos ou categorias de análise que, tempos depois, foram melhor exploradas pelos marxistas. O próprio Engels (1979 : 19), em seu texto *Anti-Dühring*, situou Rousseau como um dos precursores do método materialista, ao afirmar que: “(...) os franceses souberam também criar obras mestras de dialética, como, por exemplo, *O Sobrinho de Rameau de Diderot*, e o estudo de Rousseau sobre a Origem da

## *Desigualdade dos Homens”.*

É esta proximidade com o materialismo dialético que se pretende examinar neste artigo.

## O FILÓSOFO – SEU TEMPO E SUAS IDÉIAS

Pelas leituras das obras de Rousseau, pode-se afirmar que o filósofo escrevia cada um dos seus livros, com toda força de um temperamento apaixonado, confessando-se no romance, na pedagogia, na sociologia, na política e na autobiografia. Rousseau foi um romancista em toda a sua obra: escreveu o romance da sociologia no *Contrato Social*; o romance da educação, no *Emílio*; o romance do sentimento, na *Nova Heloísa*; o romance da humanidade, no *Discurso sobre a Desigualdade*; e o romance de sua própria vida, nas *Confissões*.

O pensamento rousseauniano, tantas vezes acusado de paradoxal, contraditório e confuso, quando analisado na perspectiva de seu próprio testemunho, de sua própria obra, transforma-se numa **teoria do homem**, caracterizada predominantemente por uma unidade indestrutível. Todas as suas declarações, todas as suas obras, afirmaram uma e a mesma idéia, expressaram sempre um único e o mesmo pensamento.

A experiência de vários fracassos fortaleceu em Rousseau a convicção de que a sociedade de sua época é ruim. Daí sua vontade de descobrir a origem da infelicidade contemporânea e, para isso, elaborar uma história do homem

que, independentemente da pesquisa de documentos atestando a existência de um estado primitivo da humanidade, insistiu na necessidade da bondade entre os seres humanos.

Para Rousseau, “*o homem é bom, e a sociedade o corrompe*”. Desta mesma sociedade do século XVIII, que lhe parecia ruim para o homem em geral (já que era para ele próprio), Rousseau se mostrou desconfiado em relação a tudo o que a caracterizava: ao reinado da razão preferiu os caminhos do coração e do sentimento, encontrando, nos últimos, o meio de corrigir os excessos que deveriam ser sempre temidos; às aparências mundanas, opôs a verdade interior dos seres, a começar pela sua, pouco preocupada em agradar.

Após a denúncia dos sintomas do mal social, registradas principalmente nos textos do *Discurso sobre as Ciências e as Artes* e o *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*, Rousseau propôs o “*remédio*” para esses mesmos males em suas obras: *Contrato Social* e *Emílio*. Como a sociedade afastou-se da natureza, não seria o caso de voltar a ela, mas, por um avanço, desnaturação completa do homem, seria possível recompor artificialmente as qualidades perdidas, isto significa, em outros termos, que o homem pode atingir um nível superior, por meio de um processo que se pode denominar como **dialético**.

Consciente da insuficiência do individualismo puro, Rousseau buscou uma solução política, ou seja, uma associação que garantisse segurança, obrigando cada um a renunciar a seu interesse pessoal e a unir-se a todos, permitindo ao homem obedecer apenas a ele mesmo e permanecer “*tão livre quanto antes*”.

Atacado com violência em virtude de seu anti-racionalismo e de sua aparente hostilidade ao progresso, mas também profundamente admirado por Kant, Rousseau apareceu como um filósofo muito importante, subestimado por tempo demais. “*Sua visão antropológica antecipa as de Hegel e de Marx, a etnologia contemporânea o saúda como um precursor, e O Contrato Social permanece um elemento incontornável da reflexão política* (DUROZOI e ROUSSEL, 1993 : 414).

Contextualizando historicamente Jean-Jacques Rousseau em seu tempo, é necessário registrar que o século XVIII, na França, foi a época do Iluminismo, sendo os filósofos os porta-vozes voluntários da razão contra a tradição, do secularismo contra a religião e do poder único do governo político contra as diversas autoridades da ordem circundante. As “*autoridades*” eram, na maioria das vezes, oriundas do sistema feudal e, embora houvessem “*florescido*” séculos antes, não puderam ser destruídas, nem mesmo pelo poder da monarquia absoluta, durante os séculos XVII e XVIII.

Dentre as obras dos pensadores do século XVIII, os escritos de Rousseau comprovaram-se como sendo os mais importantes. O autor foi amplamente desacreditado em sua própria época e, somente por volta do início do século XIX, foi considerado a inteligência mais destacada do Iluminismo, conforme atestou Robert Nisbet (1982 : 154):

*“Nem mesmo o brilho do raciocínio e dos escritos de Hobbes fazem sombra a Rousseau. Platão pode ser o principal artífice da concepção de comunidade, mas ninguém igualou o papel de Rousseau ao torná-la a mais atraente visão para o mundo*

*moderno. Rousseau é o próprio arquétipo do político moderno, a personificação daquilo que se poderia chamar a revolta modernista em política. Se ele é conhecido, com razão, como o maior filósofo da soberania democrática, por seu notável conceito da vontade geral como única força do poder legítimo na sociedade, deve ser também considerado parte da tradição intelectual na Europa Ocidental que viria a culminar com o Estado total do século XIX”.*

Uma das principais obras de Jean-Jacques – a que lhe deu notoriedade – foi o *Discurso sobre as Artes e as Ciências*, um longo ensaio no qual ele procurou mostrar que as artes e as ciências, de modo geral, trouxeram infelicidade ao homem e não tiveram origem na verdadeira moralidade, mas na cobiça, no egoísmo, na ambição e no desejo frívolo de status.

Rousseau considerava que a hipocrisia era a conduta que resumia a sua época. No *Discurso* acima citado ele afirmou:

*“Não mais amizades sinceras e estima real, não mais confiança cimentada. As suspeitas, os receios, os medos, a frieza, a reserva, o ódio, a traição esconder-se-ão todo o tempo sob esse véu uniforme e pérfido da polidez, sob essa urbanidade tão exaltada que devemos às luzes do nosso século” (ROUSSEAU, 1983 : 336).*

Como se justificam a corrupção, a falência da moralidade humana e a alienação do homem que Rousseau via a sua volta? Sua resposta encontra-se no segundo *Discurso sobre a Origem da Desigualdade*, no qual afirmou que a



desigualdade é a fonte da instabilidade social e da decadência cultural. A princípio, Rousseau apontou que a humanidade vivia em condição de simplicidade natural, em que as relações humanas eram espontâneas, sem repressão, e a moralidade nascia do que era arraigado em nós pela natureza. A humanidade teria mantido para sempre esse estado de simplicidade e relativa igualdade, se não fosse a descoberta da agricultura e dos metais, e o conseqüente surgimento de relações cada vez mais complexas entre os indivíduos.

No “*estado de natureza*” os homens vivem em estado de felicidade e a desigualdade é praticamente inexistente. A afirmação da igualdade para Rousseau é fundamental, pois o homem só pode ser livre se for igual: assim que surgir uma desigualdade entre os homens, acaba-se a liberdade. Por isso, quando o primeiro homem que, ao cercar um terreno, afirmou: “*isto é meu e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo, surgiram os males da opressão, da dominação e da servidão*”(ROUSSEAU, 1983 : 259).

A divisão entre o teu e o meu, isto é, a propriedade privada, deu origem ao “*estado de sociedade*”, no qual se evidenciou uma percepção do social como luta entre fracos e fortes. Rousseau afirmava que todos os males surgiam da propriedade, mas não chegou a propor meios para sua abolição. Ao contrário, propôs a criação de um “*(...) poder supremo que nos [governassem] segundo sábias leis, que [protegessem] e [defendessem] todos os membros da associação, [expulsassem] os inimigos comuns e os [mantivessem] em concórdia eterna*” (ROUSSEAU, 1983 : 269).

Este é, resumidamente, o diagnóstico de Rousseau

sobre o que ele considerava os “*males da sociedade*” em que viveu. Somente através deste diagnóstico foi possível perceber que seu objetivo principal consistia em emancipar o indivíduo da corrupção e dos conflitos e incertezas da sociedade; para ele, a “*comunidade política*” era o meio mais seguro de se obter a libertação.

## A PROXIMIDADE COM O MATERIALISMO

No *Discurso sobre a Desigualdade*, Rousseau, localizava o conhecimento do “*estado de natureza*” como elemento-chave indispensável para a compreensão da sociedade e do próprio homem de maneira geral. Ele o considerava como condição indispensável para a compreensão da natureza humana, isto é, a construção da ciência do homem ou o conhecimento do “*homem de natureza*”.

A verdadeira natureza humana a que Rousseau se referia e à qual atribuía bondade, não era, pois, a natureza humana do estado presente, mas aquela da qual o homem atual é uma profunda modificação, a qual voltará, sintetizando os elementos da fase presente, na vida futura.

Esse processo representava toda a história do homem que ele buscava contar à humanidade e poderia ser explicado pela seguinte tríade:

- **Estado de natureza**, caracterizado pela igualdade. Nele, o pré-homem não tem consciência de sua existência como tal; não é, nestes termos, livre, mas é auto-suficiente,



porque só deseja o que pode por si mesmo. Não necessitando dos demais, não os escraviza e nem é por eles escravizado. *“Essa igualdade dá-lhe condição de liberdade que o homem não tem por não conhecê-la e conseqüentemente não gozá-la”*. Esta primeira fase pode ser considerada como a **tese** (LITHOLDO, 1969 : 87).

- **Estado atual**, que é o resultado da consciência de si, da capacidade de raciocínio. Rompendo com o estado de natureza desequilibra-se, tendendo a adquirir desejos artificiais que vão sendo incorporados à natureza humana. O homem é livre no sentido de ter rompido com a vontade do absoluto a qual estava até então subordinado. Mas, por falta da igualdade que perdeu nesse rompimento, não tem condições reais de liberdade. *“Como seus desejos muitas vezes excedem as possibilidades reais, é preciso conseguir de outrem o que não pode por si mesmo; enfim, é necessário mandar para não obedecer”* (LITHOLDO, 1969 : 87). Esta fase, caracterizada pelo binômio *“autoridade contra liberdade”*, pode ser denominada **de antítese**.

- **Reino futuro**. Sem perder a consciência da liberdade que adquiriu no rompimento com o absoluto, o homem reintegra a igualdade que perdeu, voltando a ordem social. Mas agora é um ser consciente de sua liberdade e de sua existência, podendo gozá-la integralmente. Surgirá em virtude desse fato a sociedade perfeita, caracterizada pela liberdade e pela igualdade. Neste momento, dá-se a **síntese**.

Nesse aspecto é que

*“Engels nele discerne o início de uma história dialética (no sentido hegeliano): à igualdade inicial sucede, na sociedade civil, a desigualdade que será*

*superada, a princípio pelo estado de igualdade, em que se encontrarão os homens mantidos em escravidão pelo déspota, e em seguida pela igualdade superior do Contrato Social finalmente realizado” (DURCZOI e ROUSSEL, 1993 : 415).*

Nota-se que a liberdade é questão fundamental e centralizadora para Rousseau, entendida como direito e dever ao mesmo tempo; a liberdade pertence ao homem e *“renunciar a ela é renunciar à própria qualidade de homem. Ao reformar tal princípio e dar-lhe o papel fundamental na moral e na política, Rousseau elevou-se muito acima dos contemporâneos e dos precursores. Ninguém como ele afirmou o princípio da liberdade como direito inalienável da própria natureza espiritual do homem”* (Vida e Obra, In: *Os Pensadores*, 1983 : XVII).

Assim, para ele, o único fundamento da liberdade é a igualdade: não há liberdade onde não existir igualdade. Ao analisar a origem das desigualdades e concluir que a propriedade privada era a fonte de todos os males ele afirmava: *“O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer isto é meu e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo”* (ROUSSEAU, 1983 : 259). E, logo em seguida, ele lamentava: *“Quantos crimes, guerras, assassínios, míserias e horrores não pouparia ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou enchendo o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: ‘Defendei-vos de ouvir esse impostor, estareis perdido se esquecerdes que os frutos são de todos e que a terra não pertence a ninguém!’”* (ROUSSEAU, 1983 : 259). Isto significa negar a propriedade privada.

Enquanto não se criara a propriedade, os homens viveram *“livres, sadios, bons e felizes tanto quanto podiam ser por sua natureza e continuaram a gozar entre si das doçuras de um comércio independente”* (ROUSSEAU, 1983 : 272). Mas isto não durou muito tempo: a igualdade desapareceu, surgiu a propriedade, o trabalho tornou-se necessário e as vastas florestas transformaram-se em campos que tinham de ser adubados com o suor dos homens e nos quais logo se viu a escravidão e a miséria crescerem com as colheitas.

E, neste tom, Rousseau vai demonstrando a origem das desigualdades sociais e a forte contradição entre pobres e ricos, fortes e fracos:

*“(...) o homem, de livre e independente que antes era, devido a uma multidão de novas necessidades passou a estar sujeito, por assim dizer, a toda a natureza e, sobretudo, a seus semelhantes dos quais num certo sentido se torna escravo, mesmo quando se torna senhor: rico tem necessidade de seus serviços; pobre, precisa de seu socorro, e a mediocridade não o coloca em situação de viver sem eles (...); em uma palavra, há de um lado, concorrência e rivalidade, de outro, o desejo oculto de alcançar lucros a expensas de outrem. Todos esses males constituem o primeiro efeito da propriedade e o cortejo inseparável da desigualdade nascente”* (ROUSSEAU, 1983 : 267).

Percebe-se, em toda análise de seu texto, o *“espírito da época”*: a burguesia procurava armar-se com uma ideologia capaz de realizar seus intentos – até então – revolucionários. Rousseau era contra a propriedade fundiária, que se encontrava nas mãos da aristocracia e, conse-

qüentemente, contra os privilégios de classe que, à época, era a característica dos dois primeiros estados: a nobreza e o clero.

Seria Rousseau, então, um representante do terceiro estado considerado como um todo e, apesar de suas contradições internas, abrangendo também as camadas menos inferiorizadas?

*“Realmente, Jean-Jacques Rousseau pode ser dado como ideólogo do terceiro estado se considerarmos que este, naquele instante, encarnava o setor social oprimido a reclamar expressão política, mas não podemos reduzir o seu pensamento a uma ideologia que se esgotaria ao serem atendidas as reivindicações imediatas dos burgueses nesse instante histórico” (MACHADO, 1962 : LIV).*

Em sua análise, Lourival Gomes Machado afirmou que, resolvidos os problemas imediatos de uma revolução, a classe que toma o poder tende a criar novos privilégios, portanto, as idéias de Rousseau estariam sempre atuais. Exemplo claro foi a própria Revolução Francesa: uma vez firmada no poder, a burguesia capitalista “esqueceu-se” de seus ideais igualitários. Com o processo revolucionário que, a princípio, desencadeou-se para restabelecer a igualdade, a burguesia, após assentada no poder, passou a criar novas desigualdades e, conseqüentemente, novas tiranias.

Como se sabe, Rousseau opunha-se permanentemente contra a tirania. O seu pensamento colocou-se como a afirmação da liberdade, que não é só a liberdade de uma classe temporariamente oprimida, mas principalmente *“a liberdade, em qualquer tempo e em qualquer lugar, de todos os fracos, isto é, de todos os homens que, não*

*importando sob que governo e sob que regime estejam forçados a ser menos homens a fim de que outros possam, parecendo mais fortes, considerar-se supra-humanos”* (MACHADO, 1962 : LV).

Apesar de alguns intérpretes não o considerarem um revolucionário, pois suas idéias representam “*um ideal de conservação da ordem estabelecida, ou mesmo de volta a uma ordem social ultrapassada*” (BRAUNSTEIN, 1989 : 13), outros autores o consideram o mais importante de todos os pensadores de sua época, sendo até apontado “*por alguns críticos como o pai do socialismo moderno, apesar de seu notório e indisfarçável romantismo, tão próprio de seu momento histórico*” (PORTO CARREIRO, 1971 : 17).

Pode-se afirmar que Rousseau e Karl Marx foram os dois homens que, antecedendo duas revoluções, mais influência tiveram no pensamento político de seu tempo. “*O Contrato Social sacode o homem do século XVIII com a mesma intensidade com que o Manifesto Comunista abala o século XX*” (BONAVIDES, 1961 : 187). Rousseau é, teoricamente, preparação a Marx, tão importante quanto os socialistas utópicos; os dois pensadores podem ser considerados dois emancipadores da alienação. No entanto, há que se ressaltar o fato de que quando se estuda o marxismo e sua dialética materialista há sempre a lembrança obrigatória dos nomes de Hegel e Feuerbach e, raramente, uma alusão a Jean-Jacques Rousseau, o que, de certa forma, não faz jus ao seu pensamento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONAVIDES, Paulo. *Do estado liberal ao estado social*. São Paulo : Saraiva, 1961.
- BRAUNSTEIN, Jean-François. *Rousseau*. Brasília : Universidade de Brasília / São Paulo : Ática, 1989.
- DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. *Dicionário de filosofia*. Campinas : Papyrus 1993.
- ENGELS, Friedrich. *Anti-Dühring*. 2. ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979.
- LITHOLDO, Augusto. *A unidade do pensamento de J. J. Rousseau na perspectiva de seu testemunho*. Presidente Prudente : Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1969.
- MACHADO, Lourival Gomes. *Obras de Jean-Jacques Rousseau*. São Paulo : Globo, 1962.
- NISBET, Robert. *Os filósofos sociais*. Brasília : Universidade de Brasília, 1982.
- PORTO CARREIRO, C. H. Nota Explicativa. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Rio de Janeiro : Rio, 1971.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Os pensadores*. 3. ed. São Paulo : Abril Cultural, 1983.